

As nuances do riso na *Iliada* de Homero

The nuances of laughter in the *Iliad* of Homer

Rodrigo Francisco Barbosa*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo caracterizar as *nuances* do riso na *Iliada* de Homero no intuito de, assimilando a rubrica nietzscheana, identificar os modos *afirmativos de avaliação da vida* dos Gregos a partir da designação dos aspectos em torno do “riso”, principalmente, “γελάω”, “μειδίω”, respectivamente, “riso” e, “sorriso” no texto homérico que remontam a uma espécie de “humanização da natureza” em seus usos.

Palavras-chave: *Riso. Nuances. Iliada.*

Abstract: The present work have the object of characterize the nuances of laughter in the Homer’s *Iliad* in the intention of, marking the Nietzsche’s rubric, identify the way affirmative of evaluation of life of the Greeks from the designation of aspects around the “laughter”, mainly, “γελάω”, “μειδίω”, respectively, “laughter” and, “smile” in the Homeric text what will remount for an type of “humanization of nature” in your uses.

Keywords: Laughter, nuances, *Iliad*

1. INTRODUÇÃO

Não se mata com a cólera, mas com o riso.¹

O presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas considerações acerca das *nuances* do riso na *Iliada* de Homero assumindo a tese, juntamente com Nietzsche², de que o modo afirmativo pelo qual os gregos do período homérico *avaliavam a vida*, pode ser identificado a partir da análise pormenorizada dos termos pelos quais estes usavam para designar aspectos relacionados ao “riso”. Neste sentido, tendo este ensejo como “norte” fundamental de condução da pesquisa, e uma vez que

* Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Contato: semcentro@gmail.com. (Dedico este artigo à *Claire* que um dia desejou entrar pela minha boca...)

¹Segue-se o seguinte procedimento para a utilização de textos em outras línguas: tanto nas “epígrafes”, como nas citações no corpo do texto, serão sugeridas “traduções livres”, quando necessário, seguidas em nota, pelo trecho original para confrontação; “No se mata com la cólera, sino com la risa.” NIETZSCHE, F. *Asi habló Zarathustra*. San Juan, México: Grupo Editorial Tomo, S.A de C.V., 2007, p. 46.

²Veja-se: “cegueira para as cores nos pensadores” § 426, também citado ao longo do texto NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

nos fora concedido a *insolência* de *enrabar* Homero³, organizamos a presente investigação em duas partes fundamentais que se estruturam da seguinte forma: A primeira parte foi uma tentativa de “mapear” as ocorrências dos termos ligados ao “riso” na Antiguidade, a qual fizemos uma espécie de “caracterização das *nuances* do riso” a partir de uma extensa elaboração de quadros imagéticos. A segunda parte consistiu em trabalhar estas questões sob três aspectos: primeiro por meio da “etimologia de *γελᾶω*”, segundo por meio da “etimologia de *μειδίᾶω*” e, por fim, analisando “deslocamentos” e caminhando por meio de uma “re-invenção” a que buscamos interpretar as *nuances* de diferenciações dos termos sob o ponto de vista nietzscheano de uma “físio-psicologia” do *riso*.

No mais, cumpre destacar os riscos a que compreendem essa nossa investigação que, no fim das contas podem-nos levar, como relata Cícero, a encontrar o “insípido” dessas tentativas de “teorizar o risível”⁴.

2. CARACTERIZAÇÃO DAS NUANCES DO RISO NA ILÍADA⁵

2.1. Quadro 1: O *Riso* dos heróis⁶

2.1.1. Imagem 1: O Riso conjugal⁷

³ “[...] minha principal maneira de me safar nessa época foi concebendo a história da filosofia como uma espécie de enrabada, ou, o que dá no mesmo, de imaculada concepção. Eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho, que seria seu e, no entanto, seria monstruoso. Que fosse seu era muito importante, porque o autor precisava efetivamente ter dito tudo aquilo que eu lhe fazia dizer” DELEUZE, G. *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p.14. Isto é, de certo modo, afirmar – para o próprio *procedimento* que pretendemos assimilar –, juntamente com o professor Rogério Miranda que: “Valorar, no universo nietzschiano, significa justamente apropriar-se de um sentido, nele imprimir uma nova interpretação, criar uma pluralidade de significações que, por sua vez, serão recriadas, reinventadas e repetidas, mas na diferença.” ALMEIDA, R. M. de. *Nietzsche e o paradoxo*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p.18.

⁴ “Um dia em que pus as mãos em certas obras gregas que tinham por título *O que faz rir*, tive a esperança de que me ensinasse algo. Nelas achei um bom número daquelas piadas picantes tão comuns entre os gregos [...]; mas quando elas quiseram formular a teoria do risível e reduzi-lo a preceitos, mostraram-se singularmente insípidas, a tal ponto que, se fazem rir, é por causa de sua insipidez” CÍCERO *Apud* ALBERTI, V. *O riso e o risível na história do pensamento*. Jorge Zahar. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, p. 25.

⁵ Além da edição bilíngüe de Haroldo de Campos, na minúcia da busca dos termos em grego, utilizamos HOMERO. *Ilíada*. Versão digital no site do projeto Perseus Page. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a1999.01.0133> (acesso em 02 de Junho de 2011). Para que as notas não fiquem demasiado extensas, nas menções diretas dos cantos da *Ilíada* destacaremos a numeração do canto junto ao número do verso (quando necessário), o volume do livro (I ou II), o ano e a numeração da página da edição bilíngüe (HOMERO. *Ilíada*. Trad. Haroldo de Campos. Vol I e II, São Paulo: Mandarim, 2001): apenas citaremos por completo se utilizarmos outra tradução ou link da internet.

⁶ Compomos estes “quadros” e “imagens” por meio de três vias interpretativas complementares: primeiro, a contextualização do acontecimento do *riso*; segundo, a reconstrução da personagem e, por fim, a criação fisionômica etimológica; Estes elementos se entrecruzam na composição geral das imagens e um ou outro pode estar ausente em determinadas imagens.

⁷ Omitimos por questões de limitação de espaço a imagem 2 relacionada ao nome próprio do “Fradmônide Agelao”. Veja-se: HOMERO. *Ilíada*. VIII 228, vol. I, 2001, p. 307.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

Heitor como chefe troiano envolto numa espécie de honra beligerante recusa-se a deixar a batalha em prol dos pedidos merencórios da esposa que prevê sua morte⁸. Na torre, ante as suplicas de Andrômaca, por meio das belas palavras de Heitor torna-se possível a alusão a um *exemplo romanesco* de interesse matrimonial pela *esposa-companheira*⁹; exemplo do qual se inspiram possibilidades interpretativas de utilização de Heitor como um “modelo moral” a ser seguido no Ocidente¹⁰. Tal herói parece abater-se mais pela possibilidade de ver o destino terrível da esposa, cativa nas mãos dos gregos após os despojos de Ilion, do que ante a já inevitável percepção de seu ocaso frente a liderança dos Troicos. Seu “coração firme”¹¹ e “espírito indomável”¹², refletem esta sua *condição* de herói que “sabe” o seu destino¹³. Não nos é permitido vislumbrar seu rosto. Somente por meio das imagens flamejantes como a que o poeta descreve-nos o *efeito da visão de Heitor*¹⁴, apenas deste modo nos é concedido imaginar a *fisionomia* deste herói: sem traço de cansaço ou tensão rugosa, os músculos de seu rosto parecem acompanhar o movimento do *efetivo*, o que aparece divinamente resplendente¹⁵, em direção ao prazer do *olho*, da visão que descobre uma cabeça sempre a balançar um “elmo em crista

⁸ HOMERO. *Ilíada*. VI 406-439, vol. I, 2001, p. 257-9.

⁹ HOMERO. *Ilíada*. VI 440-466, vol. I, 2001, p. 259.

¹⁰ “Notem-se as palavras de Heitor, verdadeiramente de um cavaleiro perfeito e de um amigo dos bons costumes: para defender a honra e a liberdade das mulheres troianas, é que ele é tão valente e animoso [...] De todos os heróis de Homero é Heitor o mais simpático, pela sua piedade, pelo seu amor para com seus pais e mulher e filhos; pelo sacrifício que faz da vida, pugnando por uma causa que sua justiça condenava, só pra obedecer à vontade de Príamo; enfim, pela compaixão que tinha de Helen, sem embargo de reprovar o proceder e a traição de Páris. Heitor é um antecipado exemplar dos campeões da Idade Média, não segundo a verdade histórica, mas segundo os mentirosos livros de cavalaria; [...] Canto IV, nota dos versos 702-707, HOMERO. *Ilíada*. Trad. Odorico Mendes. Cotia, SP: Ateliê, Editorial, Campinas, SP, 2008, p. 898. Nossa interpretação difere desta, uma vez que como já mencionado acerca de Homero, este parece se encontrar numa posição “não valorativa” diversa de como entenderíamos a posição de um *moralista*; como “um autor” que não toma partido entre gregos e troianos e, ainda mais, na variedade e complexidade de seus heróis, apreciamos a ideia de um Homero *pai do ceticismo* como ressalta Diógenes Laércio, ou antes, como “alguém” – ou parte de uma “mentalidade dominante” (como quer Erick Havelock ao se referir da tradição oral homérica) que de fato, compreendeu o que séculos mais tarde a noção nietzscheana de “incomensurabilidade do valor da vida humana” apontará com insistência. Portanto, “Homero” com seu deleite à pura *descrição* das personagens, preconizaria de certo modo, esta condição numa possível “fenomenologia da ação moral”, a descrição da fluidez dos signos, como o fazem alguns interpretes nietzscheanos: especialmente a interpretação do professor Doutor Jorge Vieseteiner (VIESENTEINER, J. L. *Experimento e vivência: a dimensão da vida como pathos* / Campinas, SP: [s. n.], 2009. (Tese de Doutorado disponível em http://www.prrg.unicamp.br/teses_defesa02.phtml?ra=65163&codcurso=112&nivel=Doutorado&sigla=IFCH%20%20&porpag=-1 conferido em Junho de 2011).

¹¹ HOMERO. *Ilíada*. III 60, vol. I, 2001, p. 121.

¹² “ἀνδρὸς ἐρωήν” HOMERO. *Ilíada*. III 62, vol. I, 2001, p. 120.

¹³ “Por um instante esquece os sombrios presentimentos a fim de provocar a proteção de Zeus para esse menino a quem, apesar de tudo, deseja um futuro glorioso!” AUBRETON, R. *Introdução a Homero*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968, p. 200.

¹⁴ “radiante/ χάρη” HOMERO. *Ilíada*. III 77, vol. I, 2001, p. 123-2; “fulgurante/ φαίδιμος” HOMERO. *Ilíada*. VII 90, vol. I, 2001, p. 269-8; “brilhante” HOMERO. *Ilíada*. VII 160, vol. I, 2001, p. 274-5; “insigne/ δῖον” HOMERO. *Ilíada*. VII 192, vol. I, 2001, p. 275-4; “insigne/ δῖον” HOMERO. *Ilíada*. VII 169, vol. I, 2001, p. 275-4.

¹⁵ “Ἐκτορα δῖον” HOMERO. *Ilíada*. VII, vol. I, 2001, p. 274.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

coruscada”¹⁶. Seu rosto, ante a *radiante comicidade* do filho que se assusta dando um grito ao ver o pai irreconhecível “coberto de bronze”¹⁷, com seu “elmo-coruscante”, só pode ser descrito como alguma coisa que *brilha* e, neste caso, como resultado de uma *radiante risada conjugal* sem duração¹⁸.

2.2. Quadro 2: O Sorriso dos heróis

2.2.1. Imagem 1: Proto-Sorrisocynico

O *baixinho* Agamêmnon¹⁹, “lanceiro fortíssimo”²⁰ e “chefe de homens”²¹, aparece já no início da *Ilíada* como um *animal insolente*²²: alguém que diz “não” e ainda “investe na impostura”²³. Seus olhos “chispam como fogo”²⁴ antes de fulminar o velho Calcas com “linguagem violenta”²⁵. Sedento e “ávido de ganhos”²⁶ sua *fisionomia* é a de um “Grão Sem-Pudor”, de um cão “guloso” e de “nobre porte”²⁷ que na mesma medida em que se “ira”²⁸, “jubilosos”²⁹, o *baixinho chefe de homens* “incita a

¹⁶ Aproximadamente 20 passagens no texto homérico marcam as variações deste epíteto: HOMERO. *Ilíada*. “μέγας κορυθαίολος” II 816, vol. I, p. 114; “κορυθαίολος” III 83, vol. I, p. 122; “μέγας κορυθαίολος” III 324, vol. I, p. 136; “μέγας κορυθαίολος” V 680, vol. I, p. 218; “κορυθαίολος” V 689, vol. I, p. 218; “κορυθαίολος” VI 116, vol. I, p. 238; “μέγας κορυθαίολος” VI 263, vol. I, p. 246; “κορυθαίολος” VI 342, vol. I, p. 252; “μέγας κορυθαίολος” VI 359, vol. I, p. 252; “κορυθαίολος” VI 369, vol. I, p. 252; “μέγας κορυθαίολος” VI 440, vol. I, p. 258; “κορυθαίολος” VI 520, vol. I, p. 262; “μάχης κορυθαίολος” VII 158, vol. I, p. 272; “μέγας κορυθαίολος” VII 233, vol. I, p. 276; “μάχης κορυθαίολος” VII 263, vol. I, p. 278; “μέγας κορυθαίολος” VII 287, vol. I, p. 280; “μέγας κορυθαίολος” VIII 160, vol. I, p. 302; “κορυθαίολος” VIII 324, vol. I, p. 312; “κορυθαίολος” VIII 377, vol. I, p. 316; “κορυθαίολος” XI 315, vol. I, p. 422; “κορυθαίολος” XII 230, vol. I, p. 466.

¹⁷ “χαλικοκορυστή” (χαλικοκορυστής, adjetivo masculino: coberto de bronze, armado de bronze) “brônzea armadura” HOMERO. *Ilíada*. VI 397, vol. I, 2001, p. 255 e 253.

¹⁸ “ἐγέλασσε”, HOMERO. *Ilíada*. VI 471, vol. I, 2001, p. 258. O aoristo é o aspecto verbal em que se encontra o verbo γελᾶω; tal situação inclui, neste caso, o *riso* de Heitor e Andrômaca como mero acontecimento pontual, isto é, *sem duração*.

¹⁹ HOMERO. *Ilíada*. III 168, vol. I, 2001, p. 129.

²⁰ HOMERO. *Ilíada*. III 178-9, vol. I, 2001, p. 129.

²¹ “ἄναξ ἀνδρῶν” HOMERO. *Ilíada*. I 7, vol. I, 2001, p. 31.

²² “ἀλλ’ οὐκ ἄτρειδη Ἀγαμέμνονι” HOMERO. *Ilíada*. I 24, vol. I, 2001, p. 31. “Na realidade, é um fanfarrão.” AUBRETON, R. *Introdução a Homero*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968, p. 200, no entanto, consideramos Agamêmnon antes um *proto-cynico* do que necessariamente um fanfarrão.

²³ “ἀναιδεῖην” HOMERO. *Ilíada*. I 149, vol. I, 2001, p. 39.

²⁴ HOMERO. *Ilíada*. I 104, vol. I, 2001, p. 37.

²⁵ HOMERO. *Ilíada*. I 337, vol. I, 2001, p. 49.

²⁶ HOMERO. *Ilíada*. I 149, vol. I, 2001, p. 49.

²⁷ Respectivamente, “μέγ’ ἀναιδῆς”, HOMERO. *Ilíada*. I 158, “κυνῶπα” HOMERO. *Ilíada*. I 159, e “κυνὸς ὄμματ’ ἔχων” HOMERO. *Ilíada*. I 225, “προΐει” HOMERO. *Ilíada*. I 336, e “μειζονες ἄλλοι ἔασι” HOMERO. *Ilíada*. III 168.

²⁸ “νεΐκεσσεν” HOMERO. *Ilíada*. IV 336 e 368, vol. I, 2001, p. 167.

²⁹ “γῆθησεν” HOMERO. *Ilíada*. IV 283, vol. I, 2001, p. 163.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

combates” por meio do efeito psicológico da ordem invertida do discurso; efeito tal que produz um *sorriso sofisticado-proto-cínico*³⁰.

2.2.2. Imagem 2: O *Sorriso* evidente

Após os deuses deixarem o campo de batalha³¹, e os gregos “possuídos de Ares” levarem certa vantagem na disputa³², o irmão de Heitor Heleno reclama a pendência de Troicos e Lícios e ao combate roga ao irmão que incite todos para reavivar a peleja; Incitada as tropas Heleno intercede a Heitor que retorne a cidade e peça à mãe que reúna as mulheres no templo de Atena para a consagração de sacrifícios em proteção de Ilion³³; Heitor ouve o irmão. Exorta as tropas e se afasta após o reavivamento do *agon*³⁴. Ao chegar as “portas Ceias” exorta as mulheres e, a partir daí, através dos olhos do herói o poeta nos apresenta uns poucos matizes arquitetônicos do interior dos muros de Troia³⁵. Encontra-se com a mãe que lhe oferece vinho para libar a Zeus e reanimá-lo à luta; Heitor recusa e parece querer dizer não apenas à mãe: “em mim paira o espírito sobre a água”³⁶! Desta feita, rumo ao encontro de Páris para censurá-lo da fuga da batalha. Sua última pretensão é encontrar a esposa Andrômaca no alto da torre. Após toda *tensão*, *responsabilidade*, e alguma *errância* em busca da esposa³⁷, Heitor a vê abruptamente e *sorri*, um silencioso *sorriso evidente*³⁸.

2.2.3. Imagem 3: O *Sorriso* terrível

³⁰ Somente um *proto-cynico* como Agamêmnon poderia entrever o “sobrolo carregado (“ὑπόδορα”)” do sagaz Odisseu diante da proeza sofisticada que aquele acabara de efetivar com um reluzente *sorriso*. “ἐπιμειδήσας” HOMERO. *Ilíada*. IV 356, vol. I, 2001, p. 167. Veja-se nota linha 3 da tradução de Odorico em que se lê: “Era Antiga a tradição de dar ordem inversa antes do grande ataque” HOMERO. *Ilíada*. Trad. Odorico Mendes. Cotia, SP: Ateliê, Editorial, Campinas, SP, 2008, p. 88.

³¹ “Tróicos e Dânaos ficam sós na luta aspérrima” HOMERO. *Ilíada*. VI, vol. I, 2001, p. 233.

³² “Ajax, o Telamônio, [...] é o primeiro a romper – [...] golpeando o melhor dos Trácios, Acamante” HOMERO. *Ilíada*. VI 5-8, vol. I, 2001, p. 233; “Diomedes, voz altíssima, acomete Axilo Teutranide” HOMERO. *Ilíada*. VI 12-3, vol. I, 2001, p. 233; “A Píditas Percóssio, Odisseu mata com brônzea lança” HOMERO. *Ilíada*. VI 30-1, vol. I, 2001, p. 235, etc.

³³ HOMERO. *Ilíada*. VI 75-101, vol. I, 2001, p. 237-9.

³⁴ HOMERO. *Ilíada*. VI 110-18, vol. I, 2001, p. 259.

³⁵ HOMERO. *Ilíada*. VI 238-50, vol. I, 2001, p. 247.

³⁶ “Porque sou tão inteligente”, § 1, NIETZSCHE, F. *Ecce Homo: como alguém se torna o que se é*. 2ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

³⁷ HOMERO. *Ilíada*. VI 370-5, vol. I, 2001, p. 255.

³⁸ Discutiremos no ITEM 3 as atribuições terminológicas derivadas, conseqüentemente, de aspectos do contexto, etimológicos e puramente criativos da presente interpretação: “μειδήσεν” HOMERO. *Ilíada*. VI 404, vol. I, 2001, p. 256.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

Ajax Telamônio é o herói “gigantiforme”³⁹, aquele que avança como o temível Ares⁴⁰ e que, possivelmente, seria um oponente a ser temido num duelo. Suas qualidades são inclusive reconhecidas pelo inimigo de duelo: “Um deus – Ajax – te deu a magna estatura, a prudência, o vigor”⁴¹ ressalta Heitor. “Avantaja-se aos demais em nobreza de porte e estatura mais alto uma cabeça e larguíssimo de ombro” reconhece Príamo⁴². Helena o faz “gigantesco”⁴³ e “baluarte dos gregos”⁴⁴. De “animo alegre”⁴⁵ o gigante Ajax reconhece a sorte a seu lado presenteando-lhe com os desígnios do duelo⁴⁶; ante a exuberância de sua armadura e o intenso *prazer* na peleja surge então o elemento causador de maior “frêmito de medo”⁴⁷ entre os Troianos e “rejubilo”⁴⁸ entre os gregos: um *sorriso resplendente terrível* de Ajax⁴⁹.

2.2.4. Imagem 4: O *Sorriso* astucioso

Odisseu é um personagem que, atravessando posteriormente a Odisséia, continua “fiel a seu primitivo caráter”⁵⁰. “Baixinho”, “peito mais largo e mais espadaúdo” que os demais⁵¹ como Príamo o descreve, Odisseu é o herói *astuto* por excelência. No fundo, a impressão aparente que fazem dele é de um “rústico” até o instante em que alce sua voz como “copos-de-neve no inverno” e seu primeiro aspecto seja imediatamente esquecido como destaca Antenor⁵². Herói “multiastucioso”, “bom no dar conselhos” e “múltiplo em ardis”⁵³ é, não obstante, utilizado algumas vezes como *signo*, como *semiótica* na argumentação nietzschiana em oposição à figura sisuda de Platão⁵⁴. Na ordem invertida do discurso de Agamêmnon⁵⁵, desconfiado, olha de “sobrolho”⁵⁶ com alguma “irritação no rosto”⁵⁷; Sua carranca e mesmo sua *fisionomia* se perdem para nós na expedição noturna e perseguição a Dólón,

³⁹ HOMERO. *Ilíada*. VII 208, vol. I, 2001, p. 277.

⁴⁰ HOMERO. *Ilíada*. VII 208, vol. I, 2001, p. 277.

⁴¹ HOMERO. *Ilíada*. VII 288, vol. I, 2001, p. 281.

⁴² HOMERO. *Ilíada*. III 225-28, vol. I, 2001, p. 131.

⁴³ “πελώριος” HOMERO. *Ilíada*. III 229, vol. I, 2001, p. 130.

⁴⁴ “ἔρκος Ἀχαιῶν” HOMERO. *Ilíada*. III 229, vol. I, 2001, p. 130.

⁴⁵ “γῆθησε” HOMERO. *Ilíada*. VII 189, vol. I, 2001, p. 274.

⁴⁶ HOMERO. *Ilíada*. VII 182-3, vol. I, 2001, p. 275.

⁴⁷ HOMERO. *Ilíada*. VII 214, vol. I, 2001, p. 277.

⁴⁸ “ἐγῆθεον” HOMERO. *Ilíada*. VII 214, vol. I, 2001, p. 276.

⁴⁹ “μειδιῶν βλοσυροῖσι” HOMERO. *Ilíada*. VII 212, vol. I, 2001, p. 276.

⁵⁰ AUBRETON, R. *Introdução a Homero*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968, p. 212.

⁵¹ HOMERO. *Ilíada*. III 192-3, vol. I, 2001, p. 129.

⁵² HOMERO. *Ilíada*. III 211-24, vol. I, 2001, p. 131.

⁵³ HOMERO. *Ilíada*. III 200-2, vol. I, 2001, p. 131.

⁵⁴ Especialmente, § 306, como ideal grego, § 321, no uso dos inocentes, § 562 na descida ao mundo dos mortos NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

⁵⁵ HOMERO. *Ilíada*. IV 337-47, vol. I, 2001, p. 167.

⁵⁶ “ὑπόδρα” HOMERO. *Ilíada*. IV 348, vol. I, 2001, p. 166.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

o espia dos troicos. Nesta “noite célebre-trevosa⁵⁸” é possível imaginar algum *radiante júbilo* contornando os lábios do astucioso Odisseu ao perceber a ambição e os interesses do espia em conquistar “mega prêmios⁵⁹” em troca de informações sobre a situação dos gregos: Odisseu se expande na negra noite *sorrindo-se a si*⁶⁰ ao ver sua *astúcia* rivalizada.

2.3. Quadro 3: O Riso dos deuses

2.3.1. Imagem 1: O Riso dos deuses

Depois da *Querela* entre Aquiles e Agamêmnon e a agitação dos deuses em defesa de seus mortais prediletos, num embate específico entre Hera e Zeus, Hera ao tomar partido em favor dos Aqueus, ciumenta pelo fato de Zeus demonstrar afabilidade junto a Tétis, mãe de Aquiles, é “mal tratada” em palavras por Zeus. Contudo, somente por meio do doce apaziguamento do filho Hefestos é que a esposa do “Pai de todos” livra-se facilmente do “coração combalido”⁶¹ e, de fato, se eleva, como é devido ao cômico⁶², do *medo à alegria* até expandir-se do *sorriso divino sem sons*⁶³, o *sorriso prólogo*, para um *infinito riso* resplendente devidamente *humano* junto aos demais celestes. Os deuses que já reunidos ansiavam banquetear-se enchendo de “doce néctar” suas crateras viam alegres Hefestos apontar os males de “opor-se a Zeus”⁶⁴ e a desgraça de “em luta por mortais”⁶⁵ os deuses serem levados a confusão e ao embate: após suas palavras e a deusa de “braços brancos” sorrir seu *sorriso prólogo* junto aos demais divinos que também recebiam suas crateras com néctar, o Olimpo se *expande* na figura dos deuses “Venturosos” que, vendo Hefestos prestativo e agitado, emitem um altíssimo “*riso sem fim*”⁶⁶.

⁵⁷ “χωομένοιο (χώομαι)” HOMERO. *Ilíada*. IV 355, vol. I, 2001, p. 166.

⁵⁸ “νύκτα μέλαιναν” HOMERO. *Ilíada*. X 394, vol. I, 2001, p. 392-3.

⁵⁹ HOMERO. *Ilíada*. X 401, vol. I, 2001, p. 393.

⁶⁰ “ἐπιμειδήσας” HOMERO. *Ilíada*. X 400, vol. I, 2001, p. 392.

⁶¹ HOMERO. *Ilíada*. I 569, vol. I, 2001, p. 63.

⁶² “[...] não deve nos surpreender que, diante de tudo o que seja repentino e inesperado em palavras e ação, quando sobrevém sem perigo ou dano, o homem se desafogue e passe ao oposto do temor: o ser encolhido e trêmulo de medo se ergue e se expande – o homem ri. A isso, a essa passagem da angústia momentânea à alegria efêmera, chamamos de *cômico*”, “Origem do cômico”, §169, NIETZSCHE, F. *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

⁶³ “μείδησεν” HOMERO. *Ilíada*. I 595, vol. I, 2001, p. 64.

⁶⁴ HOMERO. *Ilíada*. I 589, vol. I, 2001, p. 65.

⁶⁵ HOMERO. *Ilíada*. I 573-5, vol. I, 2001, p. 63.

⁶⁶ “γέλως μακάρεσσι θεοῖσιν” HOMERO. *Ilíada*. I 599, vol. I, 2001, p. 64. De acordo com as distinções de EIRE (EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l'idée de 'rire' em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 13-43) seria mais elucidativo talvez traduzir γέλως por “riso” como fazemos nesta interpretação em contrapartida a noção “ruidosa” de *gargalhada* traduzido por Haroldo de campos e Carlos Alberto Nunes (no mesmo sentido

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

2.4. Quadro 4: O *Sorriso* dos deuses

2.4.1. Imagem 1: O *Sorriso* prólogo

Hera, a de “braços brancos”⁶⁷ é a deusa que, diretamente, seja por *astúcia* ou por *cólera*, enfrenta os poderes de Zeus. Como esposa-irmã, sua artimanha fundamental parece ser “o modo pelo qual se prepara para usar seus atrativos sobre o deus”⁶⁸. A deusa “olhos de touro”⁶⁹, como Homero a descreve, possui a “língua solta”⁷⁰ e dessa forma “não contém o despeito”⁷¹ que a transforma, mesmo “augusta”⁷², em “cobra canina”⁷³. A “maquinadora de engodos”⁷⁴ vindo do alto do Olimpo o irmão e o cunhado empenhados na guerra, “intima alegria a toma”⁷⁵. Após apresentar seu despeito frente a Zeus, Hera acolhe duplamente o filho Hefestos de modo fraternal e prazeroso: duplamente *sorri*, um *sorriso prólogo*⁷⁶ pré banquete divino ante as desavenças dos mortais.

2.4.2. Imagem 2: O *Sorriso* burlesco

Afrodite, a “amiga-dos-sorrisos” em auxílio aos troicos no campo de batalha é atingida na mão pela lança aguda de Diomedes⁷⁷; Ferida, a deusa emite um “grito pungente”⁷⁸. Empréstima a biga do irmão Ares e, junto com Iris que fustiga os cavalos com o *chicote* na mão, sobem até o Olimpo. Ao chegar é acolhida pela mãe Dione que lhe retrata outros feitos em que deuses sofrem dores cumuladas pelos mortais⁷⁹. Vendo após tal relato, Dione enxugar a ferida da deusa⁸⁰, Hera e Atena “injuriadas”⁸¹,

Odorico Mendes que traduz por “infinita cachinada”). Esta noção de “ruidosa” gargalhada é expressa pelo termo grego καγχάζω e não γέλως.

⁶⁷ “λευκώλενος” Epíteto de Hera; HOMERO. *Ilíada*. I 55, vol. I, 2001, p. 32; I 195, vol. I p. 40; I 208, vol. I. p. 42; etc.

⁶⁸ AUBRETON, R. *Introdução a Homero*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968, p. 132 nota 36.

⁶⁹ “βοῶπις” HOMERO. *Ilíada*. I 551, vol. I, 2001, p. 62.

⁷⁰ HOMERO. *Ilíada*. VIII 210, vol. I, 2001, p. 305.

⁷¹ HOMERO. *Ilíada*. VIII 216, vol. I, 2001, p. 321.

⁷² “πότηνια” HOMERO. *Ilíada*. VIII 219 e 470.

⁷³ “κύντερον” HOMERO. *Ilíada*. VIII 484, vol. I, 2001, p. 322.

⁷⁴ HOMERO. *Ilíada*. XIV 160, vol. II, 2001, p. 69.

⁷⁵ HOMERO. *Ilíada*. XIV 166, vol. II, 2001, p. 69.

⁷⁶ “μειδήσεν” HOMERO. *Ilíada*. I 595, vol. I, 2001, p. 64; e “μειδήσασα” HOMERO. *Ilíada*. I 596, vol. I, 2001, p. 64.

⁷⁷ HOMERO. *Ilíada*. V 336, vol. I, 2001, p. 199.

⁷⁸ “μέγαλιάχουσα” HOMERO. *Ilíada*. V 343, vol. I, 2001, p. 198.

⁷⁹ HOMERO. *Ilíada*. V 381-416, vol. I, 2001, p. 201 e 203.

⁸⁰ HOMERO. *Ilíada*. V 416-18, vol. I, 2001, p. 202.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

mas, primeiramente Atena, a predadora *não ridente*, provocam Zeus de modo a apontar o caráter de “não feita para a guerra”⁸² de Afrodite por meio de palavras irônicas como “a Cípria [...] tentando persuadir alguma Aquéia, [...] no acariciar a Grega, a mão delicadíssima feriu numa fivela de ouro”⁸³. Nesse “entretenimento mútuo agonístico dos deuses”⁸⁴ é que “o Pai de todos”⁸⁵, com lábios firmes e alegres, emite um *sorriso burlesco*⁸⁶.

2.4.3. Imagem 3: O *Sorriso* erótico

Hera “maquina o engodo” de desviar os olhares de Zeus do combate através do sono profundo. Para tanto, recorre a filha Afrodite que acolhe o “amor e o impulso de Eros com os quais doma deuses e mortais”⁸⁷. Antes disso, lava com “ambrosia o corpo encantador”, “ungindo-o com óleo de ambrósia” por ela mesmo perfumado. Penteia os cabelos fazendo-lhes “tranças rebrilhantes”. Veste o “peplo divino-ambrósio” tecido por Atena. Adorna-se com brincos de “três gemas, amoras cintilantes” e, com “véu” cobre a “divina cabeça” na mesma medida em que, esplendida, atou as “reluzentes sandálias”⁸⁸. Já adornada, Afrodite a “amiga-dos-sorrisos” concede-lhe o “cinto policromo, adornado de todos seus encantos” em que residem “o amor e o impulso de Eros, o enlace de núpcias e o enlevo sedutor, que aos sábios faz perder o juízo”⁸⁹. Neste momento, carregada deste impulso erótico, Hera se *expande* duplamente num *sorriso erótico*⁹⁰ ao vestir no seio o cinto policolorido.

2.4.4. Imagem 4: O *Sorriso* auto-encómio

Zeus, o “ajunta nuvens”⁹¹ logo que a Aurora surge por sobre a terra, convoca os deuses em assembléia no Olimpo e, duro, refreia em discurso a atuação *direta* dos deuses no combate⁹²; Na medida em que, “pasmos, todos calaram” ante o duro discurso do “Pai de todos” apenas Atena

⁸¹ “κερτομίους” (Embora o contexto indique a ideia colocada na tradução por “zombeteiras”, utilizamos “injuriadas” devido a atribuição do epíteto de Atena “ἀγγελίην”) HOMERO. *Ilíada*. V 419, vol. I, 2001, p. 202.

⁸² “sabendo-a uma indefesa deusa, não afeita/aos combates humanos como as soberanas/ da guerra, Atena e a fera Enió” HOMERO. *Ilíada*. V 331-3, vol. I, 2001, p. 197.

⁸³ HOMERO. *Ilíada*. V 421-26, vol. I, 2001, p. 203.

⁸⁴ “Ὡς οἱ μὲν τοιαῦτα πρὸς ἀλλήλους ἀγόρευον” HOMERO. *Ilíada*. V 431, vol. I, 2001, p. 202.

⁸⁵ “πατήρ ἀνδρῶν” HOMERO. *Ilíada*. V 426, vol. I, 2001, p. 202.

⁸⁶ “μεΐδησεν” HOMERO. *Ilíada*. V 426, vol. I, 2001, p. 202.

⁸⁷ HOMERO. *Ilíada*. XIV 198, vol. II, 2001, p. 71.

⁸⁸ HOMERO. *Ilíada*. XIV 170-186, vol. II, 2001, p. 71.

⁸⁹ HOMERO. *Ilíada*. XIV 214-18, vol. II, 2001, p. 73.

⁹⁰ “μεΐδησεν” “μειδήσασα” HOMERO. *Ilíada*. XIV 232-233, vol. II, 2001, p. 72.

⁹¹ “νεφεληγερέτα” HOMERO. *Ilíada*. VIII 38, vol. I, 2001, p. 297.

⁹² HOMERO. *Ilíada*. VIII 1-28, vol. I, 2001, p. 295.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

predadora, repetindo a intervenção ao pai já feita na gesta de Diomedes⁹³, interpele obedecendo suas ordens, mas reconhecendo que ao menos conselhos darão aos estimados aqueus. Antes de atrelar vôo de açoite em punhos no carro de “corceis patas-de-bronze” pelos quais ele mesmo os vestira em ouro⁹⁴, Zeus voltando-se para sua filha guerreira com os lábios embebidos de auto-afirmação e júbilo, *expande-se* em um *sorriso de auto-encômio* e soberania velados.

2.5. Quadro 5: Epítetos⁹⁵

2.5.1. Imagem 1: A *amiga-dos-sorrisos*

Afrodite “indefesa deusa não afeita aos combates humanos” e consagrada “às doces obras himenéias” como destaca Zeus, aparece como a deusa participe do que é essencialmente *patético* na *Iliada*; Veja-se a imagem da deusa transportando Paris do duelo com Menelau, diretamente para o leito de Helena enquanto este procura-o feito uma fera entre as fileiras⁹⁶; ou mesmo de seu sofrimento ao ser atingida na mão pela lança de Diomedes como uma criança mimada⁹⁷; Essas imagens pertencem ao que de mais *patético* e cômico existe em Homero e darão origem ao que ficou conhecido como “comédia”⁹⁸. Somente uma deusa como Afrodite, a deusa do amor, “a demoníaca desejosa de enganar as mulheres”⁹⁹, poderia carregar um epíteto tão honestamente *risonho* a de “*amiga-dos-sorrisos*”¹⁰⁰ épicos.

2.6. Quadro 6: Entre heróis e deuses

2.6.1. Imagem 1: O *risível pré-bélico*

⁹³ HOMERO. *Ilíada*. V.

⁹⁴ HOMERO. *Ilíada*. VIII 42-4, vol. I, 2001, p. 207.

⁹⁵ É preciso ter em mente a seguinte consideração a respeito dos “aspectos relacionados ao nome em virtude de um feito ou particularidade codnomes” em torno da imagem de um deus: “os deuses são rodeados de uma hoste de cognomes que oferecem uma imagem complexa da sua acção” BURKERT, W. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, p. 359.

⁹⁶ HOMERO. *Ilíada*. III 380-3, vol. I, 2001, p. 141.

⁹⁷ HOMERO. *Ilíada*. V 376-430, vol. I, 2001, p. 201-3.

⁹⁸ “É característico nessas epopéias o fato de a emoção traduzir-se pelo poeta de maneira feliz; frequentemente, êle parece tomar parte ativa nesses fatos patéticos, comover-se com a desgraça que sobrevém ao guerreiro.” AUBRETON, R. *Introdução a Homero*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968, p. 298.

⁹⁹ HOMERO. *Ilíada*. III 398-9, vol. I, 2001, p. 141; ou a fala de Diomedes: “Não te basta seduzir mulheres frágeis?” HOMERO. *Ilíada*. V 349, vol. I, 2001, p. 199.

¹⁰⁰ “φιλομειδής”, “φιλομειδής”, “φιλομμειδής”, respectivamente, HOMERO. *Ilíada*. III 424; IV 10; V 375, vol. I, 2001, p. 142, 146 e 200.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

Tersides, em todos os sentidos, aparece como o *antipoda* do ideal *nobre* grego. Ele sai do meio da multidão. Ladra feito um cão raivoso. Além de incitar a renúncia da guerra aos gregos através de sua “cabeça atulhada de frases sem ordem, sem tino”¹⁰¹ e, necessariamente, afrontar os reis, especialmente por meio de sua *feiúra*, Tersides, incita a soldadesca ao *riso*. Este homem era o mais feio dos gregos; *manco, vesgo, corcunda, tinha o peito arcado e poucos cabelos ralos*¹⁰²: uma imagem terrível para a *virtude* cavaleiresca de Homero. O *risível*¹⁰³ que “atiça o riso dos aqueus” com tal caricatura, parece ser de uma jovialidade espontânea e burlescamente indiferente: o “feio” como algo indiferente, do qual se despreza com uma engraçada *risada pré-bélica*¹⁰⁴.

2.6.2. Imagem 2: *Sofreriso*: o Riso grego do feio humilhado.

Agamemnon após devolver-lhe em palavras os insultos, bate com o cetro nas costas e nos ombros de Tersites deixando um vermelho vergão; Tersides choraminga e olhando vesgo, senta-se em seu lugar¹⁰⁵; Nesta imagem, já um pouco distinta da anterior, o *Riso*¹⁰⁶ aparece numa espécie mais acentuada de prazer que é, de certo modo, impulsionado pelo desprazer causado ao humilhado; embora encontre-se no “original” a idéia de uma possível “aflição”¹⁰⁷, *parece-nos* que esta se dá mais na forma como o próprio Nietzsche descreve como o *ressentimento* efetiva-se no “nobre”, aquele possuidor de *forças plásticas e ativas*: quando - se é que por muitas vezes ele se expresse -, o ressentimento aparece, ele surge de forma a ser *digerido* facilmente! É, pois, como ele se-nos mostra nos helenos: “os Aqueus gargalharam, uns aos outros dizendo divertidamente ...”¹⁰⁸ e a imagem de Carlos Alberto Nunes é-nos ainda mais sugestiva “Riram-se todos do mísero, embora enfadados se achassem”¹⁰⁹: uma imagem divertida, uma *gargalhada coletiva com “boa consciência”!*

2.6.3. Imagem 3: O “Riso” da covardia de Páris

¹⁰¹ HOMERO. *Ilíada*. II 213, vol. I, 2001, p. 79.

¹⁰² HOMERO. *Ilíada*. II 216-219, vol. I, 2001, p. 78.

¹⁰³ “γελοῖτον”, HOMERO. *Ilíada*. II 215, vol. I, 2001, p. 78.

¹⁰⁴ O “caso Tersides” parece ser de fundamental importância para a compreensão do projeto maior que inclui a análise posterior da figura de Diogenes de Sinope. No entanto, este não é o momento para tal análise das relações possíveis entre Tersides e o Cynismo no âmbito do “riso”.

¹⁰⁵ HOMERO. *Ilíada*. II 265-269, vol. I, 2001, p.81-82.

¹⁰⁶“γέλασσαν” HOMERO. *Ilíada*. II 270, vol. I, 2001, p. 83.

¹⁰⁷ HOMERO. *Ilíada*. II 270, vol. I, 2001, p. 83. A palavra “ἀχνύμενοι” forma de “ἀχνυμαι” que significa *afligir-se*.

¹⁰⁸ HOMERO. *Ilíada*. II 270-1, vol I, 2001, p. 83.

¹⁰⁹ HOMERO. *Ilíada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 85.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

Páris é acusado pelo irmão de ser uma espécie de impostor, mulhereço e “belo só na formas”¹¹⁰. Uma vez que os gregos reconhecessem essa condição *pusilânime*, estariam todos, com seus longos cabelos, a gargalhar de Páris diante de sua covardia travestida; Esta não é apenas a censura de um irmão aflito com os problemas que o irmão mais novo *pusilânime* causa: esta é a censura à toda moral *pusilânime* que desconsidera a consideração do inimigo de sua própria força e virtude, sua *aristéia*. A *menin* de Aquiles, isto é, a “ira tenaz” do herói da *Ilíada*, é inflada inicialmente por um não reconhecimento por parte de Agamêmnon de sua *aristéia* ao negar devolver a cativa estimada de Aquiles de espólios conquistados. O *Riso*¹¹¹ aqui muda de sentido e é utilizado como estratégia *sonora* de argumentação: talvez não houvesse castigo mais cruel para um grego livre, isto é, não escravo, do que um *riso alto* e publicamente reconhecido, ou seja, uma *Gargalhada da pusilanidade*.

3. ETIMOLOGIA E RE-INVENÇÃO DOS TERMOS¹¹²

3.1. Etimologia de Gelao

Procedendo pelo caminho inverso da derivação das línguas ocidentais e, especificamente, do português, rumo às heranças, deslocamentos e transposições encontradas ao longo dos usos de determinados termos em determinados contextos por uma dada língua, podemos perceber a respeito dos termos ligados ao tema do “riso”, nesse rastreamento *continuum* “português-latim-grego”, que em língua portuguesa não há sinal de relação *terminológica e semântica* entre elementos relacionados a designação da noção de “riso” com o substantivo grego γέλως¹¹³. A única exceção reside na palavra *gelha* que reflete o significado de “ruga”¹¹⁴. Se considerarmos que o verbo “rir” do português,

¹¹⁰ HOMERO. *Ilíada*. I 1-611, vol I, 2001, p. 31-65.

¹¹¹ HOMERO. *Ilíada*. III 43, vol. I, 2001, p. 120: “καγχαλόωσι”, “καγχαζω”, rir às gargalhadas/ fazer troça de alguém.

¹¹² As etimologias aqui empreendidas devem ser compreendidas como “propedêutica” à uma posterior “genealogia do riso” como requer o escopo de nosso projeto mais amplo.

¹¹³ Este, por sua vez, derivado do verbo grego γέλωω como acima mencionado.

¹¹⁴ “grão de cereais com tegumento enrugado” ‘ext. ruga’ 1813. **Origem incerta**” CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 381, grifo nosso. Noutro dicionário encontramos objeções a nossa hipótese: “Gelha – s.f. Ruga, vinco da péle, carquilha. Discute-se ainda a etimologia desta palavra. Pela impossibilidade semântica devemos rejeitar a opinião de A. Coelho, *gêlea derivado de *gelo* e ainda com mais forte razão a de outros que apelam para o latim *geniculun*, joelho. [...] O primeiro significado de gelha foi justamente o de semente, ou melhor, da película que envolve as sementes, quase sempre enrugadas. Do aspecto enrugado da semente, dos grãos, passou ao de péle enrugada do rosto.” BUENO, F. da S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da Língua portuguesa; Vocábulos, expressões da língua geral e científica-sinônimos contribuições do Tupi-Grarani*. São Paulo: 4º Vol. Edição Saraiva, 1965, p. 1548. É preciso destacar que encontramos também outros termos – como *geloscopia* “Pretensa maneira de conhecer o carácter de uma pessoa pelo seu modo próprio de rir.” BUENO, F. da S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da Língua portuguesa; Vocábulos, expressões da língua geral e científica-sinônimos contribuições do Tupi-Grarani*. São Paulo: 4º Vol. Edição Saraiva, 1965, p. 1549;

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

derivado do latim *ridere*, significa “contrair os músculos da face em consequência de uma impressão alegre”¹¹⁵, isto é, *produzir em quem ri* uma “ruga”, teríamos então, a impressão de um deslocamento inicial na transposição grego-latim do termo usado para a descrição do riso. Essa “lacuna” ou mesmo o eco daquela terminologia grega na descrição do “riso”, aparece visível apenas na exceção *gelha* do português em que o radical *gel* é conservado como no termo grego¹¹⁶. Mas *gelha* ainda só carrega os mesmos caracteres, seu sentido é mais reduzido do que o termo com o mesmo radical grego γελάω. Isto significa que o sentido amplo de γελάω se perde nesta transposição?

Se por um lado parece curioso que γέλως, o substantivo derivado do verbo γελάω, além de designar o “riso”, pode também ser sinônimo de “rugas do mar”¹¹⁷, por outro lado, mais curioso ainda parece o fato de ῥυσός, isto é, “rysos”, em grego significar *rugoso*¹¹⁸ e ῥυσόω “ruga”¹¹⁹. Neste sentido a transposição do termo γελάω parece ter sido feita por meio de um processo de “simplificação” ou restrição de sentido a apenas uma particularidade da ação de rir, isto é, o aspecto de “contração dos músculos da face” que formam “rugas” nas quais o termo em grego para tal expressão é ῥυσός¹²⁰ do qual, provavelmente, foi sintetizado no uso do termo *ridere* no latim¹²¹. O que poderíamos supor como “perda semântica natural” são os aspectos de uma larga expressão qualificativa de γελάω ligados a *exuberância*, ao *brilho* e a *terra*¹²², do qual o termo latino só expressa de forma bem mais

*gelo*plegia“vertigem, ataque provocado pelo excesso de riso” BUENO, F. da S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da Língua portuguesa; Vocábulos, expressões da língua geral e científica-sinônimos contribuições do Tupi-Grarani*. São Paulo: 4º Vol. Edição Saraiva, 1965, p. 1548 – no português que carregam tanto a terminologia como o sentido de riso de γελάω. No entanto, optamos por acentuar *gelha* por sua “origem desconhecida”, mais problemática para então possuímos uma “margem de atuação” (*spielraum*) nesta nossa conjectura.

¹¹⁵ CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 686.

¹¹⁶ No dicionário eletrônico da Porto Editora ainda se enfatiza o aspecto de “origem obscura”.

¹¹⁷ ISIDRO PEREIRA, S.J. *Dicionário grego-português e português-grego*. 5ª Edição. Porto: Apostolado da Imprensa, 1951, p. 112.

¹¹⁸ “ῥυσόςη, ον - grinzoso; aggrinzato; rugoso; increspado” ROCCI, L. *Vocabolario Greco-italiano*. Diciassettesima Edizione. Milano-Roma-Napoli-Cittàdi Castello. 1964, p. 1648.

¹¹⁹ “ῥυσόω - ruga” ROCCI, L. *Vocabolario Greco-italiano*. Diciassettesima Edizione. Milano-Roma-Napoli-Cittàdi Castello. 1964, p. 1648.

¹²⁰ “ῥυσόςη, ον - rugoso” BÖLTING, RUDOLF. *Dicionário Grego-Português*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941, p. 509 e ainda “ῥυσός η, ον - grinzoso; aggrinzato; rugoso; increspado” SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* F. R. dos Santos Saraiva, 10ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Gamuir, 1993, p. 1648.

¹²¹ “Rīdēō, ēs, sī, sīm, dīrē – Rir; surviv-se para, rir-se de (alguma coisa) rir ao ver (alguém) §Rir, gracejar, folgar” SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* F. R. dos Santos Saraiva, 10ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Gamuir, 1993, p. 1041.

¹²² “Tous les mots du groupe signifient <rire> mais cette notion est issue de celle d’<éclad>, cequirend compte de l’emploi γελάω de avec χθών comme sujet;” ou seja, “Todas as palavras do grupo (palavras compostas de γέλως como “κατάγελας” “φιλόγελας”, etc) significam “rir” mas esta noção vem a partir de “brilho”, o

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

reduzida e simplificada em alguns autores como Cícero e Virgílio o sentido de “ser risonho, estar esmaltado”¹²³. O termo latino *ridere* enfatiza um “sentido humano”, “muscular”, quase biológico-fisionômico, no entanto, descarta a carga semântica do termo grego anterior repleto de um processo de “humanização da natureza” ao qual se reflete, segundo a interpretação nietzschiana, no modo *afirmativo e humano* com que os gregos “olhavam” para a vida¹²⁴. A *nuance* “perdida” de relação com a “terra” imbricada no radical grego γέλ parece ter dado origem a um outro elemento “natural” que é o “gelo” do português. Neste sentido, o aspecto que parece ligar esses desvios é o nome grego Γέλων que segundo o naturalista Plinius é o “nome d’uma nascente na Phrygia, cuja água provocava o riso”¹²⁵. Evidentemente, a amplitude semântica do termo grego parece indicar uma ligação profunda entre o que se considera “riso” e os elementos visuais de deleite, efetividade e brilho da luz como podemos aludir de “rugas do mar” de γέλως e “resplender, alegria” de ἀγλαός que na forma reduzida γέλα possui o mesmo radical do verbo grego γελάω.

Na língua alemã a designação de “riso” e seus matizes parecem destacar uma relação mais direta com o termo grego γελάω e sua amplitude semântica ligada a *terra e a efetividade do brilho*. Embora identificamos o verbo alemão *lachen* a partir de uma raiz onomatopaica, isto é, *uma palavra formada por imitação de um som natural*¹²⁶ e, neste caso, como palavra pertencente ao grupo das línguas germânicas como o islandês *hlakka* “gritar (clamar), grasnar (corvejar) e ainda cognata de

que da conta do emprego de γελάω com χθών como sujeito” CHANTRAINE, P. *Dictionnaire etymologique de la langue greque. Histoire des mots(α -κ)*. Paris: Editions Klincksieck, 1990a, p. 214. Notar ainda o apelo “visual” de Homero a termos de radicais derivados como “γῆ” terra, (Ver “γαῖα” e “γῆ” CHANTRAINE, P. *Dictionnaire etymologique de la langue greque. Histoire des mots(α -κ)*. Paris: Editions Klincksieck, 1990a, pp. 218-9; “γηθεν” da terra, “γηθεσυνη”, alegria e “ἀγλαός” que, como forma reduzida de “γέλα” significa brilhante, especialmente em MALHADAS, D. DEZOTTI, M. C. C. NEVES, M. H. de M. *Dicionário grego-português [DGP]*. Vol. 1 α-δ, Cotia, São Paulo: Atelie Editorial, 2006, respectivamente, p. 183, p. 6.

¹²³ “§Ser risonho (com respeito as coisas), estar esmaltado, matizado, ornado, enfeitado” SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* F. R. dos Santos Saraiva, 10ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Gamuir, 1993, p. 1041.

¹²⁴ “Como viam os gregos de forma diferente a natureza, se, como temos que admitir, seus olhos eram cegos para o azul e o verde, enxergando um marrom acentuado em vez daquele e um amarelo no lugar deste (quando, por exemplo, designavam com a mesma palavra a cor do cabelo escuro, da centáurea e do mar meridional, e também com a mesma palavra a cor das plantas mais verdes e da pele humana, do mel e da resina amarela: de modo que seus pintores máximos, comprovadamente, reproduziram o mundo apenas em preto, branco, vermelho e amarelo) – como devia lhes parecer diferente e bem mais próxima dos homens a natureza, pois a seus olhos as cores humanas predominavam também na natureza, e esta como que nadava no éter de cores da humanidade” em “cegueira para as cores nos pensadores” § 426, NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

¹²⁵ SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.* F. R. dos Santos Saraiva, 10ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Gamuir, 1993, p. 519.

¹²⁶ INFOPÉDIA. *Enciclopédia e Dicionários Porto Editora*. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/onomatopeia> (acesso em 02 de Junho de 2011).

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

outras palavras do indo-germânico de raiz onomatopaica¹²⁷, o substantivo alemão *Gelächter* e outros correlatos parecem apresentar não apenas uma terminologia do radical semelhante a do termo grego, mas ainda conserva o sentido deste último de “risadas” e “gargalhadas”, “patuscada” e “festim”, “prestes a explodir”, bem como “palrar” e “tagarelar” e, ainda num termo substantivado, “calma, descontração”¹²⁸.

Por fim, neste sentido amplo de significação, um aspecto pode ser assimilado como elemento chave de compreensão deste termo e de suas *nuances* no “texto” homérico: a noção de “riso” ligado a um “brilho da face” numa “ação integralmente realizada”¹²⁹, isto é, a “ideia de uma total manifestação de alegria que, ao contrair certos músculos da face descobrem os dentes”¹³⁰ “brancos”¹³¹ que “confere aos olhos um brilhante particular”¹³². Esta “predominância de sensações visuais”¹³³ é que sintetizariam o universo semântico do termo grego γελάω tal como o vislumbramos.

Vejamos agora outro termo que aparece no texto homérico com o qual os gregos parecem destacar uma espécie de predileção pela *nuance* e pela variedade de distinções.

3.2. Etimologia de Meidiao

O termo μειδιάω é em si mesmo um termo “obscuro”¹³⁴. Mas tal obscuridade parece ser antes, a *chave de entrada* para a abertura de possibilidades de interpretação deste termo e de seus *usos*

¹²⁷ DROSDOWKI, G. GREBE, P. KÖSTER, R. MÜLLER, W. *Der DUDEN in 10 Bänden, Band 7: Das Herkingswörterbuch*. Mannheim/Zürich: Bibliographisches Institut, 1963, p. 382.

¹²⁸ Respectivamente, *Gelächter*, *Gelage*, *geladen*, *Gelaber* e *Gelassenheit* (destaque nosso). Apenas para ampliar a interpretação, conforme veremos: “[...] em grec ancien, lê mot γαληνή, liéétymologiquement au verbe γελάω, signifiela ‘bonace’ ou tranquillité de lamer [...]”, ou seja, “em grego antigo a palavra γαληνή ligada ao verbo γελάω significa tranqüilidade, calma do mar” EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l’idée de ‘rire’ em grec ancien*. In: DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 39.

¹²⁹ “celled’umrirelié à l’éclat du visage dans une action intégralement accomplie” EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l’idée de ‘rire’ em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 16.

¹³⁰ “Le verbe avec lequel on donne à entendre l’idée d’une manifestation totale de joie ou d’allégresse, contractant certains muscles du visage” EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l’idée de ‘rire’ em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 14.

¹³¹ “(em) Homère les ‘dents’ sont blanches (λευκοιόδόντες ‘dents blanches’) et que le ‘blanc’ et le caractère ‘resplendissant’” EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l’idée de ‘rire’ em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 33.

¹³² EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l’idée de ‘rire’ em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 14.

¹³³ EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l’idée de ‘rire’ em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 23.

¹³⁴ “não se observa este verbo em nenhuma língua indo européia” CHANTRAINE, P. *Dictionnaire etymologique de la langue greeque. Histoire des mots (λ-ω)*. Paris: Editions Klincksieck, 1990b, p. 677.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

na Antiguidade. Assim, podemos trabalhar com elementos como forma de *indícios* que formam um quadro plausível de interpretação acerca do termo. Um destes elementos é o uso mais comum deste nos “textos” de influência da chamada “tradição oral”, por exemplo, nos “escritos” de Homero, Hesíodo, Teócrito e Safo¹³⁵, embora também ocorra nos textos apócrifos de Paulo “Πράξεις Παύλου”¹³⁶. Outro elemento consiste no fato deste termo, em Hesíodo, estar ligado a origem de Afrodite a deusa do amor, a ponto de ser traduzido para o português por “pênis” em que a palavra grega φιλομμηδέα¹³⁷ é compreendida como “amor-do-pênis”¹³⁸ por Afrodite ter sido gerada a partir da “branca espuma do mar ejaculada do pênis”¹³⁹ cortado de Οὐρανός, o Céu. Na mesma medida em que μειδιάω composto na forma de φιλομμειδής, epíteto homérico, é uma “transformação da forma usada por Hesíodo”, tal como mencionamos, e significa “genitais masculinos que lhe são próprios”¹⁴⁰ assumindo assim toda uma carga semântica relacionado a “androgenia” de Afrodite¹⁴¹. No entanto, Eire descarta a “construção etimológica” de Hesíodo como “falsa” pelo fato deste ter derivado a segunda parte de φιλομμειδέα, fórmula sintagmática de φιλομμειδής Ἀφροδίτη, da palavra μήδεα que significa “testículos”. Nesta objeção, assentimos com Eire¹⁴².

A interpretação etimológica assenta na assimilação de uma possível composição antiga de dupla forma: μει-δι(ι)α e μει-δεια. A primeira é semelhante à palavra em sânscrito *smáyate* que remonta a *smei* do indo-europeu. Já a segunda, tem sua raiz no homérico δέατος “parecer, aparecer” ligado ainda a δῆλος “evidente” e ao indo-europeu *-dei* “brilhar, luzir”¹⁴³. Chantraine também expõe

¹³⁵ CHANTRAINE, P. *Dictionnaire etymologique de la langue greque. Histoire des mots (λ-ω)*. Paris: Editions Klincksieck, 1990b, p. 677.

¹³⁶ DAMKA, F. W. *A Greek –English lexicon of the New Testament and other early Christian literature* / 3rd. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2000, p. 626.

¹³⁷ Verso 200 HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Trad. JaaTorrano. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001, p. 116).

¹³⁸ Verso 200 HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Trad. JaaTorrano. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001, p. 117.

¹³⁹ Versos 189-92 HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Trad. JaaTorrano. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001, p. 115.

¹⁴⁰ BURKERT, W. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, p. 305. Ver também: “A. Henbeck [...] ce savant suppose que φιλομμηδής serait la form ancienne et qu’elle a été secondairement alterée en φιλομμειδής et Hom.” Ou seja, “A. Henbeck [...] supõe que φιλομμηδής seria a forma antiga secundariamente alterada φιλομμειδής em de Homero.” CHANTRAINE, P. *Dictionnaire etymologique de la langue greque. Histoire des mots (λ-ω)*. Paris: Editions Klincksieck, 1990b, 1990, p. 677.

¹⁴¹ BURKERT, W. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, p. 305.

¹⁴² “[...] Hésiode dans la Théogonie [Th.], construit une fausse étymologie de cet adjectif compose, en dérivant la second partie de φιλομμειδέα du mot μήδεα, <testicules>” EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l’idée de ‘rire’ em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 32.

¹⁴³ WENDEKENS, A. J. V. *Dictionnaire étymologique complémentaire de la langue greque*. Leuven Poters, 1985, p. 151.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

estas derivações acrescentando entre outras coisas, as relações destas formas com outras “matrizes” como o irlandês, turco, etc, que recobrem esta compreensão de *sorrir* (sorriso) como um aspecto *visualmente efetivo*¹⁴⁴ mas que, distinto de um “brilho da face de uma ação integralmente realizada”¹⁴⁵ como parece ser o caso de γελάω, μειδίαω surge como uma “ação inacabada e apenas esboçada que confere a face um ar semelhante a de um estupor”¹⁴⁶.

Exatamente as *nuances* em torno deste aspecto de “predominância de sensações visuais”¹⁴⁷ presentes no termo grego μειδίαω é que parecem constituir a importância da amplitude semântica deste termo que se “perde” na transposição para as línguas latinas, já que nosso “sorriso” do português é uma derivação do latim *sub-rideo*¹⁴⁸ que, como vimos acima, transmite apenas certos aspectos desta amplitude significativa do termo grego para tal “ação” Como uma espécie de “esboço” de uma ação, de um riso que exprime igualmente todos os sentimentos”¹⁴⁹ e está “ligado ao esplendor, à alegria” e ao “relaxamento do sujeito”¹⁵⁰, o termo grego μειδίαω oferece-nos um incrível ponto de interrogação acerca da legitimidade de seus usos na Antiguidade e seu sucessivo e *silencioso* esvaecimento ao longo dos desdobramentos da história humana no Ocidente.

3.3. Deslocamentos e re-invenção

Começamos pela divisão dos quadros e imagens. A divisão é simples: temos primeiramente os critérios demarcatórios que são os termos, γελάω e μειδίαω. Como princípio de diferenciação e identificação das *nuances* Depois disso, levamos em consideração a divisão hierárquica correspondente a: 1) heróis (humanos e semideuses), 2) deuses, 3) epítetos e, por fim, 4) humanos.

¹⁴⁴ CHANTRAINE, P. *Dictionnaire etymologique de la langue grecque. Histoire des mots (λ-ω)*. Paris: Editions Klincksieck, 1990b, p. 677.

¹⁴⁵ “celle d’un rire lié à l’éclat du visage dans une action intégralement accomplie” EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l’idée de ‘rire’ em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 16.

¹⁴⁶ “celle d’un rire dans une action inachevée et seulement esquissée qui confère au visage un air semblable à celui de la stupeur” EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l’idée de ‘rire’ em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 16.

¹⁴⁷ EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l’idée de ‘rire’ em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p.23.

¹⁴⁸ “sorrir. Do latim surridere, por surridere (de sub e ridere)” CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 686.

¹⁴⁹ “un rire ébauchée (μειδᾶν), qui exprime également tous ces sentiments” EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l’idée de ‘rire’ em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 23.

¹⁵⁰ “[...] action simplement ébauchée. Un rire associe à la splendeur, à la joie et aure lâchement du sujet” e ainda: “[...] le sourire commence un processus de relâchement [...]” respectivamente, EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l’idée de ‘rire’ em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 43 e p. 39.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

Esta divisão arbitrária é mais didaticamente organizada, para facilitar a compreensão e justaposição das imagens, do que uma divisão valorativa pensando uma finalidade de pretensões tipológicas.

No “quadro 1: O Riso dos heróis” temos duas imagens¹⁵¹. A primeira é a imagem do “Riso conjugal”. Nesta imagem os elementos de “predominância de sensações visuais”¹⁵² recobram todo o contexto da imagem aqui elaborada a partir do canto VI, seja pelos elementos que buscamos reconstituir a “fisionomia” de Heitor, seja pelo *uso* de ἐγέλασσε¹⁵³ que, coloca a *descrição da ação* de γελάω na posição de um “mero acontecimento pontual, sem duração”¹⁵⁴. Este sintagma “riso conjugal” talvez seja a forma com a qual buscamos sintetizar “o brilho de alegria que o riso confere à face em associação ao esplendor dos metais brilhantes”¹⁵⁵ em meio aos perigos da guerra a que os *afetos* conjugais estão submetidos.

No “quadro dois: O Sorriso do heróis” as nuances analisadas residem em torno do termo μειδίαω e de termos compostos a que se formam quatro imagens. A primeira é a imagem de um “proto-Sorriso cynico”. Os elementos que compõem esta designação são essencialmente, por um lado, devido à *fisionomia* de “cão” de Agamemnon¹⁵⁶ que refletem fundamentalmente sua ἀναιδείην, isto é, sua “impudência”¹⁵⁷ e, por outro lado, a “simultaneidade”¹⁵⁸ da *efetivação do sorriso*¹⁵⁹ com a irrupção do “discurso de ordem invertida”¹⁶⁰. A segunda imagem é a do “Sorriso evidente”. O “sorriso” aqui de Heitor é um rejubilo após certa errância na procura da esposa a que reflete em “esboço [...] a percepção de radiação de uma particular luminosidade”¹⁶¹ própria das *nuances* de

¹⁵¹ Conforme havíamos mencionado na nota 7 não descreveremos a imagem 2 relacionada a “Agelao”.

¹⁵² EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l'idée de 'rire' em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 23.

¹⁵³ HOMERO. *Ilíada*. VI 471, vol. I, 2001, p. 258.

¹⁵⁴ “ἐγέλασσε” HOMERO. *Ilíada*. VI 471, vol. I, 2001, p. 258. O aoristo é o aspecto verbal em que se encontra o verbo γελάω; tal situação inclui, neste caso, o *riso* de Heitor e Andrômaca como mero acontecimento pontual, isto é, *sem duração*.

¹⁵⁵ EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l'idée de 'rire' em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 34)

¹⁵⁶ Ver nota 27.

¹⁵⁷ ISIDRO PEREIRA, S.J. *Dicionário grego-português e português-grego*. 5ª Edição. Porto: Apostolado da Imprensa, 1951, p. 37; BAILLY, A. *TABVLARIVN: Abrégé du dictionnaire grec français*. Edição online disponível em: <http://home.scarlet.be/tabularium/bailly/index.html> (acesso 02 de Junho de 2011, p. 52; e BÖLTING, RUDOLF. *Dicionário Grego-Português*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941, p. 48.

¹⁵⁸ “Em composição ἐπι significa: A com a ideia de lugar, próprio e figurado: 1 em, acima. 2 para. 3 contra. 4 até. 5 no meio de, entre. 6 também | B com a ideia de tempo: em, depois | C com a ideia de relação: 1 em vista de. 2 por causa de” BAILLY, A. *TABVLARIVN: Abrégé du dictionnaire grec français*. Edição online disponível em: <http://home.scarlet.be/tabularium/bailly/index.html> (acesso 02 de Junho de 2011, p. 238).

¹⁵⁹ “ἐπιμειδήσας” HOMERO. *Ilíada*. IV 356, vol. I, 2001, p. 167.

¹⁶⁰ “Era Antiga a tradição de dar ordem inversa antes do grande ataque” HOMERO. *Ilíada*. Trad. Odorico Mendes. Cotia, SP: Ateliê, Editorial, Campinas, SP, 2008, p. 88.

¹⁶¹ “des mots qui sont associés à la perception d'un rayonnement particulier de la lumière, total dans le 'rire' (γελάω) et **esquissé** dans le 'sourire' (μειδᾶω) [...]” EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l'idée de*

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

μειδίᾳ denominada por nós pela ideia de “evidente”. A terceira imagem é o “Sorriso terrível” de Ajax telamônio. A terribilidade desta imagem reside tanto no aspecto “gigantiforme” do herói, como na pujança visual de seu “sorriso” que, também novamente, reflete o brilho resplendente do “esplendor dos metais brilhantes”¹⁶² bem como o “relaxamento” *terrível* que acossa os inimigos ao ver tal imagem¹⁶³.

Analisemos agora, ao menos uma imagem de cada “quadro” na tentativa de finalizar nossa investigação. O terceiro quadro “O Riso dos deuses” apresenta uma imagem importante nesta composição: qual seja, “o Riso dos deuses”. Este *Riso*, como um *infinito riso resplendente* após a querela dos deuses do Olimpo, é comparado a “chama do fogo” que numa chama cintilante irrompe de um “sorriso divino sem sons”¹⁶⁴ para um *curativo γέλως μακάρεσσι*¹⁶⁵ capaz que restabelecer o “coração combalido”¹⁶⁶ dos deuses.

O quarto quadro “o Sorriso dos deuses” evoca a importante imagem anunciada no quadro anterior que é a imagem do “Sorriso prólogo” de Héra. Este sorriso é prólogo na medida em que antecipa a *primeira* imagem do “riso dos deuses” no “texto” homérico e, como um *sorriso feminino*, mais ainda o próprio *sorriso homérico* como “um gesto muito feminino” capaz de delicadeza, charme e capacidade de desejo de sedução, prepara o processo de expansão e júbilo decorrente do *riso inesgotável* que viria a seguir¹⁶⁷.

O quinto quadro diz respeito aos epítetos. E dessa forma é que Homero, conforme a legitimidade do “riso” naqueles tempos, pinta na imagem um deste quadro, uma de suas deusas como a “amiga-dos-sorrisos” uma vez que, possuidora dos dotes de ligação entre os sexos, Afrodite é responsável pelas imagens a que a *Ilíada* possui de mais *pathético* já que é “a demoníaca desejosa de enganar as mulheres” e em consequência, os homens¹⁶⁸.

O último e sexto quadro traz a relação entre *deuses, semideuses e homens* enfatizando estes últimos. Deste modo, temos na imagem três “o ‘Riso’ da covardia de Páris” a imagem da censura de Heitor ao irmão Páris pelo fato de este demonstrar ser de certo modo pusilânime num contexto em que

‘rire’ em grec ancien. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne.* Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 21, grifo nosso.

¹⁶² EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l’idée de ‘rire’ em grec ancien.* In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne.* Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 34.

¹⁶³ HOMERO. *Ilíada.* VII 214, vol. I, 2001, p. 277.

¹⁶⁴ Ver quadro 6 “imagem 1: O Sorriso prólogo” comentado a seguir. “μείδησεν” HOMERO. *Ilíada.* I 595, vol. I, 2001, p. 64.

¹⁶⁵ “γέλως μακάρεσσι θεοῖσιν” HOMERO. *Ilíada.* I 599, vol. I, 2001, p. 64.

¹⁶⁶ HOMERO. *Ilíada.* I 169, vol. I, 2001, p. 63.

¹⁶⁷ Neste mesmo sentido parece suceder o “sorriso erótico” de Afrodite a “amiga dos sorrisos” na imagem 3 deste mesmo quadro.

¹⁶⁸ Veja-se a imagem da deusa transportando Paris do duelo com Menelau, diretamente para o leito de Helena enquanto este procura-o feito uma fera entre as fileiras HOMERO. *Ilíada.* III 380-3, vol. I, 2001, p. 141 ou

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

tal condição não poderia ser “punida” de outra forma a não ser como um “riso” – que em verdade é mais do que um riso – como expressão pública de um som *estomacal* de “aspecto barulhento”¹⁶⁹ que, na forma de “gargalhada homérica”¹⁷⁰ de *homens comuns*, expressa o sentimento moral de um tempo belicoso e heróico.

Algumas questões ainda continuam em aberto. O escrutínio das *nuances* do riso em Homero, na Antiguidade grega, de modo algum estaria concluído num trabalho tão limitado como este. No entanto, algumas considerações precisam ser feitas e é dessa forma, a partir da assimilação de que este trabalho consiste num projeto ainda inacabado, que esperamos toda compreensão do leitor na identificação casual de “quebras” ou ausências de conclusões no desenvolvimento de nossa argumentação.

Primeiro, o “riso” aparece numa tripla diferenciação. Esta se dá entre os termos *γελάω*, *μειδίαω* e *καγχαζω*. Trabalhamos detalhadamente com os dois primeiros e foi possível identificar um amplo complexo de elementos ligados a “brilho, alegria, resplendência, etc” que possibilitaram a assimilação de um modo “afirmativo de valorar o mundo e a si mesmo”. Diferentemente de uma ênfase “sonora” tal como apresenta *καγχαζω* na forma de “gargalhada ruidosa”, *γελάω* e *μειδίαω* enquanto “riso” e “sorriso” apresentam a “predominância de sensações visuais” tais como a associação com o “brilho de metais” e elementos “naturais” que apontam para uma “humanização da natureza” conforme destacamos.

Segundo, o “riso” enquanto *γελάω* aparece como “expressão total de um sentimento de alegria” com o qual se tem ao contrair alguns músculos da face, *μειδίαω* surge como um “esboço” desta expressão de alegria que ao “descobrir os dentes brancos” destacam a radiação de brilho e júbilo da pessoa que sorri. No âmbito das transposições etimológicas posteriores para as línguas latinas foi possível notar uma considerável modificação inevitável da amplitude semântica destes termos, principalmente *γέλως*.

Terceiro e último, compreendemos a partir deste trabalho o quão complexas são as *nuances do riso* no âmbito da “vivência” de um determinado povo e contexto. Assim, esta “dificuldade” aponta para as possibilidades interpretativas acerca de elementos fundamentais da experiência humana tal como o *riso* e suas plurais formas de valorar o mundo partir de um modo *semioticamente* enigmático, complexo e paradoxal: compreender o *valor do riso* é aceitar-se mais *humano*.

mesmo de seu sofrimento ao ser atingida na mão pela lança de Diomedes como uma criança mimada HOMERO. *Ilíada*. V 376-430, vol. I, 2001, p. 201-3 *Homero é o pai da comédia*.

¹⁶⁹ EIRE, A. L. *À propôs des mots pour exprimer l'idée de 'rire' em grec ancien*. In DESCLOS, M-L. [org]. *Le rire des Grecs: Antropologie du rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000, p. 16.

¹⁷⁰ “καγχαλόωσι”, “καγχαζω”, rir às gargalhadas! fazer troça de alguém. HOMERO. *Ilíada*. III 43, vol. I, 2001, p. 120.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, R. M. de. *Nietzsche e o paradoxo*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- ALBERTI, V. *O riso e o risível na história do pensamento*. Jorge Zahar. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.
- AUBRETON, R. *Introdução a Homero*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.
- BAILLY, A. *TABVLARIVN: Abrégé du dictionnaire grec-français*. Edição online disponível em: <http://home.scarlet.be/tabularium/bailly/index.html> (acesso 02 de Junho de 2011).
- BÖLTING, RUDOLF. *Dicionário Grego-Português*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.
- BUENO, F. da S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da Língua portuguesa; Vocábulo, expressões da língua geral e científica-sinônimos contribuições do Tupi-Grarani*. São Paulo: 4º Vol. Edição Saraiva, 1965.
- BURKERT, W. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots (α - κ)*. Paris: Editions Klincksieck, 1990a.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots (λ - ω)*. Paris: Editions Klincksieck, 1990b.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DAMKA, F. W. *A Greek - English lexicon of the New Testament and other early Christian literature* / 3rd. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.
- DELEUZE, G. *Conversações: 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbrat. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DESCLOS, M-L.[org]. *Le rire des Grecs: Antropologie d'un rire en Grèce ancienne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2000.
- DROSDOWKI, G. GREBE, P. KÖSTER, R. MÜLLER, W. *Der DUDEN in 10 Bänden, Band 7: Das Herkingswörterbuch*. Mannheim/Zürich: Bibliographisches Institut, 1963.
- HAVELOCK, A. E. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. Trad. Ordep José Serra. São Paulo: Editora da USP. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.
- HOMERO. *Ilíada*. versão digital no site do projeto Perseus Page. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a1999.01.0133> (Acesso em 02 de Junho de 2011).
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Haroldo de Campos. Vol I e II, São Paulo: Mandarim, 2001.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Odorico Mendes. Cotia, SP: Ateliê, Editorial, Campinas, SP, 2008.
- INFOPÉDIA. *Enciclopédia e Dicionários Porto Editora*. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/> (acesso em 02 de Junho de 2011).
- ISIDRO PEREIRA, S.J. *Dicionário grego-português e português-grego*. 5ª Edição. Porto: Apostolado da Imprensa, 1951.
- LAÉRCIO, D. *Vidas opiniones y sentencias de los filósofos mas ilustres*. Madrid: Aguilar, 1964.
- MALHADAS, D. DEZOTTI, M. C. C. NEVES, M. H. de M. *Dicionário grego-português [DGP]*. Vol. 1 α-δ, Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- NIETZSCHE, F. *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. *A Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo, 2001.
- NIETZSCHE, F. *Así habló Zaratustra*. San Juan, México: Grupo Editorial Tomo, S.A de C.V., 2007.
- NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, F. *Ecce Homo: como alguém se torna o que se é*. 2ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- ROCCI, L. *Vocabolario Greco-italiano*. Diciassettesima Edizione. Milano-Roma-Napoli-Cittàdi Castello. 1964.
- SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc*. F. R. dos Santos Saraiva, 10ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Gamuir, 1993.
- VIESENTEINER, J. L. *Experimento e vivência: a dimensão da vida como pathos* / Campinas, SP: [s. n.], 2009. (Tese de Doutorado disponível em

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

http://www.prpg.unicamp.br/teses_defesa02.phtml?ra=65163&codcurso=112&nivel=Doutorado&sigla=IFCH%20%20&porpag=-1 conferido em Junho de 2011).

WENDEKENS, A. J. V. *Dictionaireétymologiquecomplémentaire de la languegrecque*. LeuvenPoters, 1985.

ZIKAS N. D. *Grande dicionário Grego-português da moderna língua grega*. Curitiba: Editora Circuito, 1997.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 157-179
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------